



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL



DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

ANO LXIII - Nº 012 - QUARTA-FEIRA, 2 DE JULHO DE 2008 - BRASÍLIA-DF

MESA DO CONGRESSO NACIONAL

Presidente

Senador GARIBALDI ALVES FILHO – PMDB – RN

1º Vice-Presidente

Deputado NARCIO RODRIGUES – PSDB – MG

2º Vice-Presidente

Senador ALVARO DIAS – PSDB – PR

1º Secretário

Deputado OSMAR SERRAGLIO – PMDB – PR

2º Secretário

Senador GERSON CAMATA – PMDB – ES

3º Secretário

Deputado WALDEMIR MOKA – PMDB – MS

4º Secretário

Senador MAGNO MALTA – PR – ES

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 – ATA DA 13ª SESSÃO CONJUNTA (SOLENE), EM 1º DE JULHO DE 2008	
1.1 – ABERTURA	
1.2 – FINALIDADE DA SESSÃO	
Comemorar os 155 anos de nascimento do líder cubano José Martí.....	1252
1.2.1 – Oradores	
Deputada Vanessa Grazzintin.....	1252
Senador José Nery	1254
Deputado Nilson Mourão	1256
Senador João Pedro	1257
Deputada Janete Capiberibe	1258
Senador Inácio Arruda.....	1259
Deputado Adão Preto	1262
Senador Eduardo Suplicy	1263
1.2.2 – Fala da Presidência (Senador Garibaldi Alves Filho)	
1.2.3 – Oradores (continuação)	
Ricardo Alarcón de Quesada, Presidente da Assembléia Nacional do Poder Popular de Cuba..	1264
1.2.4 – Fala da Presidência (Senador Inácio Arruda)	
1.3 – ENCERRAMENTO	
CONGRESSO NACIONAL	
2 – CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL	
3 – CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL	
4 – REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL	
5 – COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA (CCAI)	

Ata da 13^a Sessão Conjunta (Solene) em 1º de julho de 2008

2^a Sessão Legislativa Ordinária da 53^a Legislatura

*Presidência dos Srs. Garibaldi Alves Filho,
Inácio Arruda e da Sra. Vanessa Grazziotin.*

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho) – Declaro aberta a sessão solene conjunta do Congresso Nacional destinada a comemorar o 155º aniversário de nascimento do líder cubano José Martí.

Já está conosco compondo a Mesa o Exmo. Sr. Deputado Ricardo Alarcón de Quesada, Presidente da Assembléia Nacional do Poder Popular em Cuba.

Convido a compor a Mesa a Exma. Sra. Deputada Vanessa Grazziotin, Presidenta do Grupo Parlamentar Brasil-Cuba e representante, nesta solenidade, do Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Arlindo Chinaglia (*palmas*); o Exmo. Sr. Pedro Núñez Mosquera, Embaixador da República de Cuba (*palmas*); o Exmo. Sr. Deputado José Luis Fernández Yero, Presidente do Grupo Parlamentar Cuba-Brasil. (*Palmas*.)

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho) – Concedo a palavra à nobre Deputada Vanessa Grazziotin, que falará pela Câmara dos Deputados.

A SRA. VANESSA GRAZZIOTIN (Bloco/PCdoB-AM. Sem revisão da oradora.) – Sr. Presidente, Senador Garibaldi Alves Filho; Deputado Ricardo Alarcón de Quesada, Presidente da Assembléia Nacional do Poder Popular de Cuba; Deputado José Luis Fernández Yero, Presidente do Grupo Parlamentar de Amizade Cuba-Brasil; Embaixador e querido amigo Pedro Mosquera; Sras. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados; senhoras e senhores convidados, é com profunda emoção que, na condição de Presidente do Grupo Parlamentar de Amizade Brasil-Cuba, estamos realizando evento desta magnitude com a presença de tão ilustres personalidades. Também não era para menos, afinal aqui estamos homenageando os 155 anos do nascimento do herói da independência cubana, que inspirou e inspira as lutas emancipacionistas em toda a América Latina, o revolucionário cubano José Martí.

Agradeço ao Presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Arlindo Chinaglia, por ter feito o convite para que essa importante comitiva cubana, liderada pelo Presidente Alarcón, aqui estivesse nos brindando com a presença desses valorosos companheiros. Agradeço também ao nosso querido Presidente do Senado Federal, Senador Garibaldi Alves, que nos proporciona esta bela sessão de homenagem na manhã de hoje.

Agradeço a vários Senadores e Senadoras que nos ajudaram nas atividades para a realização desta

sessão solene: Senador José Nery, do PSOL; Senador João Pedro, do PT; Senador Inácio Arruda, do meu partido, o PCdoB; e tantos outros que nos ajudaram, como a Deputada Jô Moraes, do PCdoB; a Deputada Janete Capiberibe, do PSB; o Deputado Nilson Mourão, do PT. Estes são alguns dos Parlamentares, Deputado Alarcón, que organizaram não só a presente sessão, mas as atividades que teremos no decorrer da semana.

Penso, senhoras e senhores, que esta é uma homenagem não só ao grande revolucionário, democrata e admirável poeta que foi José Martí, mas é também um singelo exercício coletivo, cujo objetivo é resgatar os princípios e sentimentos mais nobres da humanidade, que são: o respeito, a independência, a autonomia dos povos e a solidariedade entre eles.

Neste tempo de tantos conflitos, guerras e injustiças sociais, é a busca pela paz e o sentimento de solidariedade que devem pautar as ações políticas em todos os cantos do planeta.

Cuba, esta querida nação irmã, tem sido um grande exemplo para todos os povos do mundo. Apesar de suas tantas dificuldades e provações, há muito persegue a construção de seu próprio caminho: o bem-estar da sua gente, do seu povo.

A ela podemos dizer que se somam muitas outras nações, cada qual com seu jeito diferente de caminhar, mas todas na difícil busca da construção de nações independentes, soberanas e que façam justiça social à sua população. Tem sido assim, por exemplo, na Venezuela, na Bolívia, na Nicarágua, no Paraguai, no Brasil, no Chile, na Argentina e entre tantos outros países.

A história da luta de José Martí contra o colonialismo espanhol e a favor da independência nos leva a refletir sobre a necessidade de ampliarmos e fortalecermos a unidade entre os povos da América Latina e do Caribe, para que intensifiquemos a luta pela integração econômica e cultural dos países irmãos.

Dessa luta, que é permanente, faz parte a necessidade do reforço das ações de combate ao imperialismo, sobretudo o imperialismo norte-americano. Muitos insistem em dizer que não existe mais nação imperialista, mas é exatamente o contrário o que vemos no dia-a-dia, na convivência e na relação entre os dife-

rentes povos e os diferentes governos. O imperialismo norte-americano, infelizmente, tem feito enorme mal aos povos de todo o mundo. Tantos exemplos poderíamos aqui citar: a invasão ao Iraque e a ingerência descabida naquele país; a manutenção, há décadas, de um bloqueio comercial criminoso contra Cuba; a manutenção da prisão ilegal de 5 cubanos, há anos, em território norte-americano; o descumprimento de resoluções da ONU quase que cotidianamente.

Dentro desse cenário de completo desrespeito à soberania das nações, preocupa-nos a forte presença militar estadunidense no continente americano. De acordo com um estudo feito pela própria Inteligência do Exército brasileiro, entre 2001 e 2002, havia em nosso continente um contingente militar americano superior ao contingente de todos os países somados. Isso nos preocupa.

E nos preocupa a presença militar, por exemplo, no Equador, na base de Manta, onde funciona a maior base militar americana fora de seu território. Felizmente, segundo declaração do próprio Presidente Rafael Correa, essa base deverá ser desativada possivelmente no ano que vem.

E, por falar no Equador, quero destacar também, Sr. Presidente, uma nova realidade que vivemos no continente. Na recente incursão – tão polêmica – da Colômbia naquele país, com o apoio dos Estados Unidos, a reação dos presidentes de vários países da América Latina foi exemplar. Dentre 10 países, sete – o Brasil, o Chile, a Argentina, o Uruguai, a Bolívia, o Equador e a Venezuela – aprovaram, e, certamente, se já tivesse sido eleito, Fernando Lugo também aprovaria, uma moção contrária àquela invasão completamente descabida.

Faço essas breves considerações para destacar que foi no exemplo de José Martí que o povo cubano construiu a revolução socialista de 1959, símbolo da resistência latina, a primeira a rebelar-se contra o imperialismo.

A luta de José Martí pela libertação de Cuba do domínio espanhol e mais tarde de dirigentes como Che Guevara, Fidel Castro, Raul Castro, entre tantos, para livrar a Ilha das ações de norte-americanos, das ações do tráfico de drogas, do contrabando e da prostituição, nos deixa convictos de que é possível construirmos uma América Latina livre e soberana.

Ainda muito jovem José Martí, nascido em 28 de janeiro de 1853, já representava esse sonho de forma pujante. Escreveu seu primeiro protesto separatista com apenas 16 anos, o *El Diablo Cojuelo*. Seu profundo envolvimento com a causa separatista levou-o à prisão pelo Governo espanhol, tendo sido deportado quando tinha somente 18 anos.

No exílio, na Espanha, ele escreveu *El Presidio Político en Cuba*, onde expôs o seu sofrimento no cárcere. Também naquele país organiza com outros deportados o movimento de libertação da sua pátria. Desterrado, vive em vários países. Além de um lutador, revolucionário, de um homem de ação, José Martí foi também jornalista, cronista, educador e sobretudo um poeta, um escritor renomado, Sr. Presidente Garibaldi Alves, uma personalidade da literatura da língua espanhola.

Diz sua bibliografia que foi a vivência de seus últimos 15 anos nos Estados Unidos que lhe permitiu vislumbrar o perigo que representa para nossos países o crescente expansionismo norte-americano.

Em Nova Iorque, Martí organiza o que ele chamava de Guerra Necessária. Leva seus planos a Cuba e instala uma contenda formada por patriotas cubanos.

Em 19 de maio de 1895, José Martí é atingido após um encontro inesperado com tropas inimigas, e cai morto. Logo os soldados espanhóis mutilam seu corpo e o exibem à população. Seu sepultamento ocorreu somente 8 dias após a sua morte, no dia 27 de maio, em Santiago de Cuba. Sua vida, sua luta, sua persistência tornou-o um herói e mártir latino-americano, propagando um desfecho inusitado na história, um poeta morto em combate.

E é sobre esse poeta que trago aqui – Sr. Presidente, peço paciência a V.Exa., a todos os convidados e aos que participam desta sessão – uma mensagem que recebi, cheia de carinho, do nosso querido poeta Thiago de Mello. Fizemos o convite, Presidente Alarcón, para que Thiago de Mello estivesse presente a esta sessão. E ele, incomodado por não poder aqui estar, ligava-nos a todo instante e, muito mais do que isso, escreveu uma mensagem que envia a todos nós, que diz o seguinte:

“Faz tempo, querida Vanessa, que aprendi a conversar com Martí. Como é bom! Falo com ele no jeito maneiro que tenho de falar com quem amo. É só me dar vontade. Andando nas veredas da floresta, defronte do meu rio amanhecendo, Martí nunca se faz de rogado. Só eu escuto o que ele me diz. Embora o que ele diz vale para todo mundo. O timbre da voz dele é profundo.

Dei de tentar imitá-lo. Vestindo as palavras dele com a música do nosso idioma. Não é sempre que consigo. É proeza fascinante, mas inalcançável. Jamais chego ao lugar do coração dele onde as estrelas nascem. Mesmo assim, me encanta. Sou audacioso humilde. Te digo cantando, Vanessa, e sem vanglória, que sou tradutor brasileiro de prosa e versos

do excuso poeta José Martí, o glorioso prócer da independência de Cuba (Quem sabe é por isso que o grande martiniano Armando Hart me deu um lugar no conselho do Instituto José Martí, de Havana).

Conversei com ele hoje de manhãzinha. Quando eu lhe disse:

‘Cultivo uma rosa branca,
em julho como em janeiro,
Para um amigo sincero
Que me dá sua mão franca’,
ele me advertiu, bondoso:
Y para el cruel que me aranca
El corazón com que vivo,
Cardo, urtiga, no cultivo.
Cultivo una rosa blanca.

Martí sabe e até gosta do motivo porque não estou aí no Senado, participando contente da sessão solene, em homenagem, altamente merecida, que, pela sabedoria do teu coração, solidário sempre com os pobres do mundo, rende o Brasil ao radiosso sínsonte cubano que Martí se llamó, ai, se llamó, se llamará de por siempre.

Estou no Amazonas, defendendo a nossa floresta, causa à qual faz tempo me consagro. E faço questão de dizer que Martí vem comigo, me ajudando, invencível em seu cavalo branco, a salvar a mais preciosa fonte de vida do planeta.

Ao querido companheiro Ricardo Alarcón, entrego um ramo da luz do nosso rio. E reparto, com todos os meus irmãos de pátria e de esperança, as palavras estreladas que abre a uma carta do nosso belo homenageado José Martí a seu filho Ismaelillo. Todos estamos muito precisados delas:

Tenho fé no melhoramento humano. Na vida futura. Na grande utilidade da virtude.

Thiago de Mello, Rio Andirá. Fim da cheia de 2008.” (Palmas)

José Martí, como diz Thiago e tantos outros tradutores de seus versos, foi um verdadeiro herói latino-americano, representou, lutou e dignificou seu povo, e não só ajudou a ampliar a consciência política da América, como também influenciou, com sua obra, os poetas hispano-americanos.

Homenagear Martí é homenagear o próprio povo cubano, para quem a influência do pensamento martiniano é tal que até hoje parece ser ele quem mais eleva a figura protetora e reunificadora dos cubanos. Não há projeto de nação em Cuba sem o ideário mar-

tiniano, pois seu pensamento é a base de todo sentido de identidade e nacionalidade do povo cubano.

Diz Martí: “A justiça, a igualdade do mérito, o trato respeitoso do homem, a igualdade plena do direito: isso é a revolução.”

Concluo pedindo aos ilustres representantes, ao Presidente Ricardo Alarcón Quesada, ao meu companheiro José Luis Fernández Yero, que preside o Grupo Parlamentar Brasil-Cuba, que levem a mensagem de solidariedade desses irmãos e irmãs brasileiros a esse povo que resiste bravamente aos mais de 40 anos sob embargo econômico imposto pelos Estados Unidos.

Nós, do Grupo Parlamentar de Amizade Brasil-Cuba, formado por mais de 200 Parlamentares, entre Deputados e Senadores, estamos convictos que o fortalecimento de Cuba se traduz na certeza de que viver em mundo melhor é possível.

Por fim, senhores e senhoras compatriotas de Martí, dedico uma pequena estrofe do poema do nosso compatriota Thiago de Mello, Estatuto do Homem:

“Artigo 7

Por decreto irrevogável fica estabelecido
o reinado permanente da justiça e da
claridade.

E a alegria será uma bandeira generosa
para sempre desfraldada na alma do
povo.”

“Artículo 7

Por decreto irrevocable
queda establecido
el reinado permanente
De La justicia y de La claridad.
Y La alegría será una bandera generosa
para siempre enarbolada
en El alma del pueblo.”

Muito obrigada. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho) – Antes de conceder a palavra ao próximo orador inscrito, quero registrar, com muita satisfação, a presença em nosso plenário da Exma. Sra. Deputada da Assembléia Nacional do Poder Popular de Cuba Yenielys Linares; do Sr. Deputado Jackson Barreto, 1º Vice-Presidente do Grupo Parlamentar Brasil-Cuba; do Sr. Carlos Eduardo Niemeyer, neto do arquiteto Oscar Niemeyer. (Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho) – Concedo a palavra ao nobre Senador José Nery.

O SR. JOSÉ NERY (PSOL-PA. Sem revisão do orador.) – Sr. Presidente, Senador Garibaldi Alves Filho; Exmo. Sr. Pedro Núñez Mosquera, Embaixador da República de Cuba; Exmo. Sr. Deputado Ricardo Alarcón de Quesada, Presidente da Assembléia Na-

cional do Poder Popular de Cuba; Exmo. Sr. Deputado José Luis Fernández Yero, Presidente do Grupo Parlamentar Cuba-Brasil; Exma. Sra. Deputada Vanessa Grazziotin, Presidente do Grupo Parlamentar Brasil-Cuba; Exmo. Sr. Deputado Jackson Barreto, 1º Vice-Presidente do Grupo Parlamentar Brasil-Cuba; Exmos. Sras. e Srs. Senadores, especialmente os Senadores João Pedro, Eduardo Suplicy e Inácio Arruda, que se encontram presentes; Exma. Sra. Deputada Yenielys Regueiferos Linares, da Assembléia Nacional do Poder Popular de Cuba; Srs. e Sras. Deputados Federais; Sr. Carlos Eduardo Niemeyer, neto do arquiteto universal Oscar Niemeyer; Sr. Carlos Siqueira, representante do Governo do Estado de Pernambuco; senhoras e senhores, inicialmente, congratulo-me com a Deputada Vanessa Grazziotin, que neste momento assume a Presidência dos trabalhos, para registrar a louvável iniciativa de propor esta sessão solene do Congresso Nacional em homenagem ao grande líder cubano, escritor, poeta e político José Martí, que, ao lado de outros ícones latino-americanos, como Che Guevara e Simon Bolívar, corporificam o sonho de liberdade e igualdade de todos os povos e, em especial, dos povos da América.

Passados 155 anos de seu nascimento, este homem que, tal como Che Guevara, caiu em combate ainda jovem, pode não ter alcançado a mesma notoriedade deste último mundo afora, mas sua figura entre o povo cubano é, ainda hoje, de tal forma respeitada e idolatrada a ponto de ter recebido de seus concidadãos o título de *O Apóstolo*. É considerado o grande mártir da independência do país em relação à Espanha e sua figura é cultuada entre os cubanos, que, ainda crianças, são ensinados a amá-lo e a admirá-lo. Os inúmeros museus, ruas, prédios e monumentos em toda Cuba que levam o seu nome bem traduzem todo o reconhecimento de seu povo pela sua incansável e destemida luta pela independência de sua pátria e libertação dos povos de todo o Continente.

José Martí, nascido em 28 de janeiro de 1853, em Havana, Cuba, teve sua história pautada, desde ainda muito jovem, pela inquietação intelectual e grandeza de espírito. A convivência, em sua infância, com a violência e o tráfico clandestino de escravos logo lhe suscitou sentimentos de profundo desassossego e indignação. Filho de uma família instável economicamente devido à doença do pai; único homem em meio às 7 irmãs; foi com dificuldades que conseguiu dar prosseguimento aos estudos. Graças à intervenção de seu mestre e educador Rafael María de Mendive, cuja influência aguçou a sua rebeldia e inspirou a formação de seus princípios revolucionários, conseguiu ingressar no Instituto de Segundo Ensino de Havana.

Em 1869, publicou junto com o amigo Fermín Dominguez, seus primeiros artigos políticos e, em outubro deste mesmo ano, com apenas 16 anos, é preso, julgado e condenado a 6 anos de prisão com trabalhos forçados, sob a alegação de insulto e incitação à traição.

Conviveu, então, com os horrores e as injustiças do cárcere, sofreu na pele a crueldade que caracterizava o tratamento das autoridades espanholas por seus condenados. Com a saúde fragilizada pelos maus-tratos, consegue, após reiterados apelos de seus pais, a conversão da pena pelo desterro na Espanha. Parte, em 15 de janeiro de 1871, para Cádiz e aí recomeça a lançar mão da arma que mais domina: a palavra como instrumento de ação política.

Alguns anos mais tarde se gradua quase ao mesmo tempo em Direito, Filosofia e Letras. Viaja para várias cidades europeias e tem contato com personalidades intelectuais notórias, como Victor Hugo. Voltou a Cuba em 1878, não por muito tempo. Já em abril de 1879 foi novamente detido e acusado de conspiração por seus discursos inflamados em favor da liberdade do povo cubano. Foi, então, deportado mais uma vez para a Espanha, de onde, 2 anos depois, rumou para os Estados Unidos. Ali viveu de 1881 a 1895, o que lhe permitiu aprofundar seus conhecimentos da sociedade local e se conscientizar do perigo que representava para os demais países da América o crescente expansionismo norte-americano. Tornou-se, então, implacável crítico do poderio norte-americano no continente e incansável defensor da libertação de sua pátria.

Para se dedicar exclusivamente a essa luta, sobretudo à organização da guerra em Cuba, José Martí renunciou a cargos importantes que ocupava, como o de Cônsul da Argentina, Uruguai e Paraguai, e à Presidência da Sociedade Literária Hispano-Americana. As bases e o estatuto do Partido Revolucionário Cubano, fundado em 1890, são de sua lavra. A partir de então, intensifica sobremaneira sua atuação pela libertação de Cuba.

Na Ilha de Santo Domingo, em 25 de março de 1895, redigiu o *Manifesto de Montecristo*, em que esboçou a política para a guerra pela independência, e, em 11 de abril de 1895, desembarca com Máximo Gómez, o herói da independência cubana, no leste da ilha, recebendo a patente de General do Exército Libertador. Apenas 39 dias depois, morre, lutando num combate com tropas espanholas, no vilarejo de Dos Rios.

Embora tenha vivido parte de sua vida fora da pátria que tanto amou e pela qual lutou e ofereceu sua vida, o sonho que embalou José Martí em sua luta revolucionária foi sempre o da criação de uma república trabalhadora e democrática, dentro de um

contexto maior em que também deveria se consolidar a independência da América Latina.

Foi um lutador incansável pela independência de Cuba, mas representou muito mais do que isso. Suas idéias constituem um verdadeiro legado para as gerações que o sucederam na luta pelos ideais de justiça, liberdade e autodeterminação dos povos.

Sra. Presidenta, senhores convidados, senhoras e senhores, as idéias, a história, a trajetória do combatente José Martí, 155 anos após o seu nascimento, devem continuar a inspirar a todos aqueles que, no mundo, mantêm vivos os ideais de justiça e de liberdade. Na América em geral, especialmente na América Latina e Central, devem seguir a nos orientar e a fortalecer nossas convicções em prol da luta por justiça e liberdade em nosso País.

Apesar dos inúmeros esforços e das conquistas obtidas em termos das liberdades formais, democráticas, a situação de injustiça que perdura, humilha e degrada a vida de milhões de seres humanos nas Américas deve merecer da nossa parte a necessidade de manter os ideais que José Martí não só professou em palavras, mas tornou em permanente combate pela independência de seu País e dos povos dos países latino-americanos.

Sua condenação ao expansionismo norte-americano, tão presente no dia de hoje, de certa forma moveu o novo colonialismo econômico de dominação dos seus ideais, que fazem com que os países especialmente da América Latina vivam à mercê e sejam subjugados pelos interesses norte-americanos.

Com esses ideais devemos, nesta sessão especial, renovar o compromisso e continuar lutando, denunciando todo o tipo de agressão à autonomia e à autodeterminação dos povos. Por isso, esta sessão tem um significado especial: reanimar e reafirmar o compromisso da luta pela liberdade dos povos que não podem continuar subjugados pelo imperialismo.

Por isso, Sra. Presidente, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Senadores, ilustres convidados e convidadas, a esse homem, cuja trajetória vai da poesia à luta armada, junto-me para render esta homenagem, na certeza de que seu exemplo, sua prodigiosa obra literária, sua clareza de espírito e de idéias continuam a embalar, não apenas ao povo cubano, mas a todos aqueles que, nos dizeres de Martí, acreditam que “En quanto haja obra a fazer, um homem Inteiro não tem o direito de repousar.”

Muito obrigado, Sra. Presidenta. Parabéns pela iniciativa.

Viva o povo cubano! Viva o povo latino-americano! Viva a liberdade!

Muito obrigado. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTA (Vanessa Grazziotin) – Muito obrigada ao Senador José Nery, que representa o PSOL no Senado Federal, pela participação.

Durante o discurso do Sr. José Nery, o Sr. Garibaldi Alves Filho, Presidente, deixa a cadeira da presidência, que é ocupado pela Sra. Vanessa Grazziotin.

A SRA. PRESIDENTA (Vanessa Grazziotin) – Antes de convidar o próximo orador, gostaria de agradecer a presença ao Sr. León Cristalli, Diretor de Relações Internacionais da Federación Tierra y Vivienda da Argentina; ao Sr. José Reinaldo de Carvalho, Secretário de Relações Internacionais do Partido Comunista do Brasil – PCdoB; à Sra. Maria das Graças, representante da Coordenadora Continental Bolivariana no Brasil; ao Sr. Afonso Magalhães, Secretário de Relações Internacionais da Central dos Movimentos Populares.

Anuncio a presença dos Srs. Deputados Pedro Wilson, Adão Pretto, Jackson Barreto, Edmilson Valentim, Nilson Mourão e da Deputada Janete Capiberibe.

Convido para compor a Mesa o Deputado Jackson Barreto, Coordenador do Grupo Parlamentar Brasil-Cuba. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTA (Vanessa Grazziotin) – Convido para fazer uso da palavra, representando o Partido dos Trabalhadores na Câmara dos Deputados, o Deputado Nilson Mourão, um lutador pela causa internacionalista. S.Exa. coordena o Grupo Parlamentar Brasil-Países Árabes no Congresso Nacional.

O SR. NILSON MOURÃO (PT-AC. Sem revisão do orador.) – Cumprimento a Sra. Presidenta, Deputada Vanessa Grazziotin, que além de presidir esta sessão é Presidenta do Grupo Parlamentar Brasil-Cuba; o ilustre Presidente da Assembléia Nacional dos Parlamentares Cubanos, Dr. Ricardo Alarcón de Quesada; o Embaixador de Cuba no Brasil, Pedro Núñez Mosquera; o companheiro Jackson Barreto, Vice-Presidente do nosso grupo; o ilustre José Luis Fernández Yero, que preside o Grupo Parlamentar Brasil-Cuba. Cumprimento também o diplomata Salah Al-Qataa, representante da embaixada palestina em nosso País; demais diplomatas presentes; Senadores; meus colegas Deputados Federais; colegas Parlamentares cubanos; companheiros e companheiras que tão bem representam vários segmentos da sociedade civil brasileira nesta solenidade.

Fazer uma sessão solene em nosso País, Presidente Alarcón, para homenagear Martí, suas idéias, sua luta, seu combate, é fazer a memória ao mesmo tempo da ação, da determinação e da ousadia do povo cubano. Na verdade, o povo cubano, na expressão de

José Martí, está sendo lembrado neste momento. E não podemos falar do povo cubano sem cumprimentar, com toda a solenidade devida, o Comandante Fidel Castro. (*Palmas.*)

Ao cumprimentar Fidel Castro, cumprimentamos também Che Guevara e todos aqueles que doaram sua vida para construir seu país.

Presidente Alarcón, tive a oportunidade de visitar a ilha apenas uma vez. Na ocasião, estive numa reunião em que V.Exa. fez breve saudação. Foi quando o conheci. O que me chamou atenção nessa minha estada muito breve em Cuba foi um grande cartaz espalhado na cidade, um *outdoor* que dizia mais ou menos assim: “*Hoje, milhares de crianças morrerão de fome no mundo; nem uma em Cuba.*” (*Palmas.*)

Se pudermos definir em uma única palavra o que senti naquele momento, eu diria: ousadia. O povo cubano é ousado. Uma pequena ilha do Caribe, com 11 milhões de pessoas, com recursos naturais extremamente limitados, foi capaz de fazer a única revolução socialista no continente; foi capaz de enfrentar um bloqueio cruel, desumano, injusto, insustentável, como o que lhe foi imposto desde 1960 pelos Estados Unidos e, a partir de então, por muitos outros países no mundo inteiro. E Cuba resistiu, construiu bravamente sua história, fez as mudanças que deveriam ser feitas, as transformações sociais, as mais difíceis inclusive, e conseguiu manter seu povo unificado.

Muitos apostavam, em todo o mundo – inclusive alguns de nós também tínhamos algumas dúvidas —, qual seria realmente a capacidade de Cuba para ultrapassar 1989, 1990, com a desagregação da União Soviética. Como enfrentar aquele período?

Grande parte dos analistas, dos estudiosos, inclusive dos amigos de Cuba, imaginávamos que aquele momento seria quase impossível de superar. E os cubanos nos deram um exemplo de ousadia, de combatividade, de paciência, de resistência histórica e superaram aquilo que, talvez, muitos povos não seriam capazes. Superaram as dificuldades e encontraram seu caminho.

Hoje Cuba faz novas reformas. O Presidente Raúl está conduzindo novas reformas em seu país. Todos nos indagamos. Eu diria que as pessoas inteligentes, desprendidas, sábias, como diz Martí em seu poema — “aqueles que falam da luz” —, se indagam: como é que o Comandante Fidel conduziu tão bem o seu povo? E ainda vivo, cheio de vida, enfrentando doenças, combate na sua trincheira e vê seu povo fazendo a transição.

Parabéns, Presidente Alarcón! Parabéns ao seu povo!

Todos sabemos que Cuba tem muitos desafios pela frente, mas ninguém de bom senso neste mundo será capaz de negar as grandes conquistas do povo cubano – apesar de tudo – na educação, na saúde, na melhoria de vida de seu povo, e sobretudo no combate às desigualdades sociais.

Martí está vivo no espírito do seu povo, que combate, tem ousadia e muita esperança de construir no continente uma sociedade mais justa, mais livre, mais solidária.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTA (Vanessa Grazziotin) – Agradeço ao Deputado Nilson Mourão a contribuição.

A SRA. PRESIDENTA (Vanessa Grazziotin) – Quero agradecer a presença ao Sr. Tirso Saenz, que trabalhou ao lado de Che Guevara no Ministério da Indústria de Cuba e hoje participa da Associação Nacional dos Cubanos Residentes no Brasil. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTA (Vanessa Grazziotin) – Dando seqüência, representando o Partido dos Trabalhadores no Senado Federal, concedo a palavra ao Senador João Pedro, pelo Estado do Amazonas, um companheiro que muito nos ajuda no Grupo Parlamentar Brasil-Cuba.

O SR. JOÃO PEDRO (PT-AM. Pronuncia o seguinte discurso.) – *Pátria: todo por ti.*

Patria: todo por ti: !No hay hermosura
Ni vida sino em ti!
Y cuando ingrata, cuando fresca
La ingratitud que el corazón apena
Es tuya al fin, y !Dulce como tuya!
Labra en la arena
Quien cuando
La ingratitud...

Sr. Presidente da Assembléia Nacional do Poder Popular de Cuba, Deputado Ricardo Alarcón de Quesada; Sr. Presidente do Grupo Parlamentar Cuba-Brasil, Deputado José Luis Fernández Yero; Exmo. Embaixador da República de Cuba no Brasil, Pedro Núñez Mosquera; Deputada Yenielys Regueiferos Linares; Sra. Conselheira Política da Embaixada de Cuba, Maria Antonia Lara; Deputada Vanessa Grazziotin, que preside esta sessão; Srs. Deputados; convidados que estão aqui prestigiando, participando e vivendo a atualidade de um homem do século XIX; o poema de José Martí, que acabamos de ouvir, revela que as obras por ele produzidas refletiam seu espírito anticolonial, crítico, tenaz, próprio daqueles que não se evadem da vida e da realidade; mas, ao contrário disso, transformam-nas em ponto de partida para o avanço das idéias inovadoras, modernas, libertárias.

Martí, poeta abnegado e patriota irredutível, assevera que “fazer é a melhor maneira de dizer”. E sua biografia revela que o mesmo disse fazendo a defesa intransigente da luta pela soberania.

Com 15 anos de idade, José Martí, insubmissos aos ditames europeus, revelou incontestável apoio à causa quando da Primeira Guerra da Independência. Àquela altura, já preconizava que o amor à pátria é também o ódio invencível a quem a opõe, idéia propagada por meio da edição do primeiro e único número do jornal *La Pátria Libre*, no qual publicou o poema *Abdala*, de nuances anti-imperialistas.

Por onde passava José Martí fazia ouvir publicamente suas convicções revolucionárias, fato esse que o leva, em 1879, à deportação para a Espanha. Suas reflexões e seu arguto sentido crítico levam-no a prever a desumana filosofia capitalista e seus sutis objetivos políticos. Ninguém como ele, Sras. e Srs. Deputados, Sras. e Srs. Senadores, vislumbrou tão além do seu tempo um diagnóstico tão perfeito sobre a doença do capitalismo e, tampouco, o perigo desse contágio a outros pontos do planeta.

Brilhante precursor do pensamento socialista latino-americano, fundador do Partido Revolucionário Cubano, José Martí, por seu perfil, não pôde ser considerado apenas um pensador cubano. Martí foi, na leitura de Ernesto Che Guevara “*o homem cuja palavra e cujo exemplo havia que recordar cada vez que quisesse dizer ou fazer algo transcendente nesta Pátria*”.

Sr. Presidente Ricardo Alarcón, muito me orgulha fazer parte desta sessão que reverencia e presta justa homenagem aos 155 anos desse homem, ao seu pensamento, à sua obra, a esse herói cubano, esse herói da América Latina, um Apóstolo – como preferia chamá-lo o povo cubano. Esse destacado dirigente da luta pela independência de Cuba, José Julián Martí Pérez, dignificou seu povo, ampliou a consciência política da América e influenciou com sua obra os poetas hispano-americanos e a poesia espanhola de toda uma época.

Não obstante sua bravura como revolucionário, por sua contribuição poética, literária – foram 507 poemas, além de dramas, artigos e cartas —, Srs. Senadores presentes a esta sessão, José Martí foi o intelectual da língua espanhola mais lido e admirado do continente.

O legado martiniano que agrupa *Guantanamera*, cuja letra foi retirada de “versos sencillos” e identifica os latino-americanos para o mundo, não autoriza o esquecimento.

Mas o artigo de Martí que causou efeitos mais duradouros foi publicado em 30 de janeiro de 1891 – em 1891, estávamos vivendo, no Brasil, a criação da

nossa primeira Constituinte, da nossa recente República —, intitulado *Nossa América*, e desde então se tornou a mais acabada exposição do ideário do ser latino-americano. Uma reflexão cujo antecedente mais formidável havia sido as *Cartas da Jamaica*, de Simon Bolívar, escritas em 1815, um poderoso esforço intelectual para superar as grandes mazelas sociais herdadas da colonização.

O legado de Martí é maior que sua curta existência e até que sua própria morte em combate no dia 19 de maio de 1895. Seu sangue derramado e seu inquebrantável fervor patriótico guiam, norteiam a política cubana até hoje. Seu pensamento, suas idéias transcendem as idéias de sua Cuba natal para adquirirem um caráter universal que serve de exemplo a todos nós.

Parabéns ao povo cubano por seus líderes! E aqui abro um espaço, com muito carinho, para também homenagear esse grande homem latino que é o revolucionário Fidel Castro.

Muito obrigado, Sra. Presidente, Sras. e Srs. Parlamentares. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTA (Vanessa Grazziotin) – Agradeço ao Senador João Pedro.

A SRA. PRESIDENTA (Vanessa Grazziotin) – Dando seqüência aos trabalhos, registro a presença das representantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST): Sra. Vanderlúcia de Oliveira Simplicio, do Setor Nacional de Educação do MST, e Sra. Evelaine Martines, do Setor Nacional de Cultura do MST. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTA (Vanessa Grazziotin) – Convidado para fazer uso da palavra a Sra. Deputada Janete Capiberibe, representando o PSB, Parlamentar que preside, com muita competência, a Comissão da Amazônia, Integração Nacional e de Desenvolvimento Regional da Câmara dos Deputados. (*Palmas.*)

A SRA. JANETE CABIBERIBE (Bloco/PSB-AP). Sem revisão da oradora.) – Obrigada, Deputada Vanessa Grazziotin, que preside esta sessão histórica no Congresso Nacional com a presença da representação de Cuba.

Nós, o povo brasileiro e o povo cubano, temos muitas coisas em comuns concretamente.

Saudo o Sr. Presidente Ricardo Alarcón; o Embaixador de Cuba no Brasil, Sr. Pedro Núñez Mosquera; a delegação cubana (*palmas*); a Sra. Deputada Yenielys Regueiferos Linares; meus colegas Parlamentares; meus colegas do Congresso Nacional; especialmente os integrantes do meu partido, o PSD, amigo de primeira hora do Governo cubano, amigo de Fidel, aqui representado pelo companheiro Carlos Siqueira, representante também nesta sessão do Governador

de Pernambuco, Eduardo Campos, neto de Miguel Arraes, grande liderança brasileira e muito íntimo do povo cubano. Minhas saudações aos diplomatas aqui presentes.

Senhoras e senhoras, José Martí poderia ser sintetizado como aquele que entregou a vida à causa do povo cubano e dos demais povos do nosso continente. Mas creio que essa seria uma afirmação insuficiente para definir um homem que alcançou uma vasta cultura como poucos em sua época: o domínio da literatura, da poesia e do jornalismo. E ainda encontrava tempo para dedicar-se à política.

Poderíamos também abordar suas crônicas jornalísticas, suas análises de distintos aspectos da realidade política, econômica, social e cultural, ou sua obra dedicada às crianças latino-americanas, publicada semanalmente na revista *A Idade de Ouro*, na qual ele era o redator, e o brasileiro A. da Costa Gomes, o editor. Temos de resgatar essa memória.

Porém, diante dessa amazônia de conhecimentos, me reportarei apenas a seu ensaio *Nuestra América*, publicado em 1891, nas páginas da *Revista Ilustrada*, de Nova Iorque. Sua leitura nos esclarece, com amargor justificado, que temos 200 anos de atraso a respeito de nossas necessidades históricas e sociais.

Martí reconhecia em Simón Bolívar o pai que havia deixado inacabada a tarefa que ele continuou com fervor perseverante, até que poucos anos depois o interrompeu a morte no campo de batalha pela independência não só de Cuba, mas também da América Latina, do Caribe e da África.

Não podemos repetir em detalhes o que esse ensaio martiano contém de lição perdurable para estas terras americanas. Ele nos ensinou que “nem o livro europeu nem o livro ianque dão a chave do enigma hispano-americano”. Lembrou que a “universidade europeia há de ceder à universidade americana”, e mais, que “a história da América... deve ser ensinada minuciosamente, mesmo que não se ensine a dos Arcontes da Grécia”, uma vez que, reafirmava, “nuestra Grécia nos é preferível à Grécia que não é nossa. Pois nos é mais necessária”.

Considerou possível inserir em nossas repúblicas o mundo, porém advertia que “o tronco há de ser de nossas repúblicas”. Aconselhou-nos a fazer da causa dos oprimidos uma causa comum “para afiançar o sistema oposto aos interesses e hábitos opressores”.

Martí nos deixou uma advertência muito clara: “O desdém do vizinho formidável, que não a conhece, é o perito maior de nossa América; e urge, porque o dia da visita está próximo, que o vizinho a conheça, a conheça logo, para que não a despreze”.

Por essas razões, José Martí enalteceu a necessidade de identificar nossos povos: “*O vinho*” – disse ele – “*de banana; mesmo sendo azedo, é nosso vinho!*”

Finalizo enfatizando que *Nuestra América* é um ensaio não apenas elucidativo a respeito dos nossos povos. É, por sua essência conceitual e proposta prática, uma mensagem que expressa sinteticamente a enorme riqueza e radicalidade em seus enfoques e projeções. Sem lugar a dúvida, é um ensaio de projeto revolucionário latino-americano de fôlego e de atualidade sem precedente.

Portanto, diante dessa globalização unipolar, que prega a falência da soberania dos povos, que está mais para a barbárie do que para a civilização, serve-nos de alento a perseverança e o exemplo de luta do povo cubano, de seus líderes, Fidel, Raúl e Che, e acrescento os Camilos e outros companheiros cubanos que caminham na trilha de Martí, porque assim vislumbrou o profeta da Revolução Cubana: “*O melhor modo de servir é se fazer respeitar. Cuba não anda como mendiga mundo afora: anda como irmã e trabalha como quem possui tal autoridade!*” – e a possui de fato. “*Ao salvar-se, salva. Nossa América não lhe faltará, porque ela jamais faltou com a América.*”

Meu muito obrigada. É uma alegria muito grande estar com os irmãos cubanos que inspiraram a geração de 1968 a seguir o exemplo de Fidel e Che, que libertaram Cuba do jugo dos ianques. Inspirados em Fidel e em Che, empunhamos armas. Eu tinha 16 ou 17 anos e segui um grande brasileiro, o baiano Carlos Marighella, que, voltando da reunião de Iolas, em Cuba, decidiu romper com o Partido Comunista Brasileiro e criar a Aliança Libertadora Nacional para enfrentar a ditadura militar brasileira em outros países. O filme *El Condor* mostra com muita clareza esse período da história do Brasil que não faz parte do currículo escolar de nossas crianças.

Quero, finalmente, deixar as boas-vindas e registrar nossa alegria por estarmos recebendo no Brasil, no Congresso Nacional, o Presidente da Assembléia Nacional do Poder Popular de Cuba, Ricardo Alarcón.

Muito obrigada. (*Palmas.*)

A SRA. PRESIDENTA (Vanessa Grazziotin) – Anuncio a presença do Deputado Francisco Rodrigues, que preside o Grupo Parlamentar de Amizade Brasil-Venezuela, e do Deputado Daniel Almeida.

A SRA. PRESIDENTA (Vanessa Grazziotin) – Convido a fazer uso da palavra o Senador Inácio Aranda, pelo PCdoB.

O SR. INÁCIO ARRUDA (PCdoB-CE. Sem revisão do orador.) – Sra. Presidenta, Deputada Vanessa Grazziotin; Sr. Deputado Jackson Barreto; Sr. Ricardo Alarcón, Presidente da Assembléia Nacional de Cuba;

Embaixador Pedro Mosquera, quero inicialmente dar os parabéns à Deputada Vanessa Grazziotin e a todos que subscreveram o requerimento para que, no Parlamento brasileiro, tivéssemos a oportunidade de destacar essa personalidade do mundo, especialmente da América, o Sr. José Martí.

Prestar homenagem a José Martí – no caso aos 155 anos do seu nascimento – é prestar homenagem, em última instância, à própria condição humana.

Sra. Deputada, estou certo de que a sua iniciativa foi baseada, acima de tudo, na constatação de que José Martí é um exemplo do ser humano intelectual, completo, total. Um daqueles homens que se reúnem, com especial sinergia, teoria e prática, idéia e ação, inteligência e vigor, conhecimento e atitude. Um daqueles homens que conseguem exercer uma ampla gama de atividades e, em cada uma delas, dar contribuições fundamentais.

José Julián Martí Pérez foi, é claro, o brioso líder revolucionário, o grande organizador da luta pela independência de Cuba. Ainda adolescente, começou a publicar textos separatistas, como o panfleto *El Diablo Cojuelo* e a revista *La Patria Libre*. Essa militância e a posse de papéis considerados subversivos fazem com que seja condenado a trabalhos forçados e, mais tarde, deportado para a Espanha.

Lá, não descuida da pregação libertária. Publica *O Presídio Político em Cuba*, trabalho em que descreve os maus-tratos sofridos na prisão. Ao mesmo tempo, porém, aprimora sua formação intelectual, obtendo a graduação em Direito e o doutorado em Leis, Filosofia e Letras.

Nas próximas duas décadas, vividas em sua maior parte nos Estados Unidos, Martí vê tornar-se cada vez maior o sonho de liberdade. Afinal, no limiar do século XX, com quase todos os países americanos já independentes, Cuba permanecia como colônia. Até que, sufocado com tal circunstância, resolve dedicar-se exclusivamente à causa da libertação. Funda, em 1882, o Partido Revolucionário Cubano, que tinha por objetivo não apenas alcançar a independência nacional, mas “fundar um povo novo”, transformando radicalmente a estrutura secular de dominação do Império espanhol. Passados 3 anos, em 25 de março de 1885, lançou um de seus textos mais contundentes, o *Manifesto de Montecristo*, em que expunha com clareza as metas gerais da almejada revolução nacional.

Viaja por vários países buscando articular-se com outros líderes do movimento separatista, como Máximo Gómez e Antonio Maceo. Finalmente, estabelecidas as condições para a luta em solo cubano, desembarca na ilha e escreve em seu diário:

“Até hoje, não me havia sentido um homem. Vivi envergonhado, arrastando as correntes de minha Pátria. Este repouso e bem-estar que sinto agora refletem o júbilo com que os homens se oferecem ao sacrifício, por uma causa nobre. É um imenso prazer viver entre homens na hora de sua grandeza.”

Pouco tempo depois, é surpreendido numa prosaica escaramuça com as forças espanholas e tomba para tornar-se o grande mártir da independência cubana.

Apenas essa face, Sr. Presidente – a do líder revolucionário, a do libertador que se iguala em estatura a heróis como Bolívar e San Martin –, já seria suficiente para colocar José Martí na galeria dos grandes expoentes da América Latina. Não obstante, ele foi muito mais. José Martí, sabemos todos, foi poeta inigualável. Seu primeiro livro de poemas, *Ismaelillo*, é considerado precursor do modernismo latino-americano, anterior até mesmo ao célebre *Azul*, do nicaragüense Rubén Darío. Quanto ao mérito das composições, basta dizer que o próprio Dario reconhecia que “*Martí escreve mais brilhantemente que qualquer outro da Espanha ou da América*”.

Dos Versos Singelos, seguramente sua maior contribuição à literatura, foi retirada a letra de uma canção inesquecível, Guantanamera, uma das músicas mais representativas de nosso continente. Dono de notável erudição, Sr. Presidente, Martí foi também brilhante ensaísta, capaz de discorrer com conhecimento de causa tanto sobre a influência dos Estados Unidos, em um planeta que passava por grandes transformações, como sobre a estrutura dos poemas de Walt Whitman.

Poliglota, traduziu Horácio, Victor Hugo, Ralph Emerson e Edgar Allan Poe. Incursionou no campo da filosofia, com um pensamento que rompe com os padrões convencionais para dar voz ao crioulo, ao índio e ao afro-americano, formulando um novo conceito moral que une a vontade de emancipação com a busca de justiça social.

José Martí também foi jornalista. Escrevia para dezenas de jornais de todo o continente americano – dos Estados Unidos à Argentina – sobre política, artes e literatura. Exercitou a diplomacia, assumindo a função de cônsul, nos Estados Unidos, tanto da Argentina como do Paraguai e do Uruguai.

Desse modo, Sr. Presidente, penso não haver dúvidas sobre a grandeza de José Martí e, consequentemente, sobre o caráter bastante oportuno desta homenagem que aqui lhe prestamos. Ao mirá-lo, repito, miramos um ser humano completo. Um ser humano que conseguiu ser essencial na política, na filosofia,

na literatura, em cada uma, enfim, das inúmeras atividades a que se dedicou.

Mas creio, senhoras e senhores, que essa estatura se torna ainda maior, essa inteireza fica ainda mais flagrante se atentarmos para o fato de que José Martí foi, acima de tudo isso, um homem extremamente lúcido.

Já é muito difícil reunir, numa só pessoa, uma gama tão diversificada de qualificações. Mas ainda é mais difícil – bem mais difícil – que essa pessoa consiga manter, em cada momento da vida, sempre a mesma e inquestionável lucidez.

Quanto a esse aspecto de seu caráter, são incontáveis as demonstrações. Para não me alongar, porém, cito apenas duas, que julgo suficientemente ilustrativas.

Em primeiro lugar, Sr. Presidente, o cuidado com a educação popular. Uma educação que não se dirige exclusivamente à classe mais pobre, mas a todas as camadas da população. Uma educação baseada na escola aberta, que acolhe todos que têm algo a ensinar e todos que desejam aprender. Uma educação, nas palavras de Martí, “que cozinhando ensina a cozinhar, andando ensina a andar, retratando ensina a retratar, que ensina a assar batatas e a medir as ondas de luz”.

Refiro-me a esse episódio marcante, porque há poucos momentos no nosso País, no Estado do Rio Grande do Sul, o Ministério Público utilizou o pensamento de um dos educadores brasileiros, bastante influenciado por José Martí, Paulo Freire, como uma peça para instruir um processo que buscava criminalizar, para tentar impedir as ações no caso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Paulo Freire, o educador, influenciou os sem-terrás a cozinhar cozinhando, a andar andando, porque esse era o pensamento de José Martí.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Senadores e Deputados, Martí foi revolucionário, intelectual, professor e poeta, devotando sua vida à luta contra o colonialismo e pela construção da nossa América, continente que queria livre do domínio de qualquer potência, inclusive dos Estados Unidos, antecipando que este emergiria como futuro inimigo de uma Cuba independente.

Convicto de que a liberdade do Caribe era crucial para a segurança da América Latina e para o equilíbrio de poder mundial, Martí dedicou seus esforços em rejeitar o pan-americanismo patrocinado por Washington. Tendo vivido 15 anos nos Estados Unidos, Martí cunhou sua frase mais conhecida: “Vivi no monstro e conheço suas entranhas”.

Dessa forma, coube-lhe a missão de alertar seus compatriotas sobre os riscos de livrar-se de um jugo

e cair em outro: libertar-se da Espanha e passar ao domínio dos Estados Unidos. Suas idéias e propostas fizeram dele o maior símbolo de resistência ao poder de intervenção norte-americana na Ilha e na América Latina, influenciando, com seu exemplo, vários líderes, como Che Guevara, Fidel e Raul Castro.

O artigo *Nossa América* teve efeito duradouro e se tornou a mais bem acabada exposição do ideário latino-americano. Nele, Martí nos convida a deixar de lado os antigos costumes hierárquicos e a abraçar a organização democrática. O texto oferece uma reflexão profunda sobre a superação das principais mazelas herdadas da colonização: o latifúndio, a monocultura, a escravidão e a discriminação racial.

Para tanto, é preciso que o sistema de ensino, ainda predominantemente baseado em teorias e modelos europeus e norte-americanos, dê lugar a uma educação e cultura autenticamente americanas, de modo que, ampliando o conhecimento sobre a realidade do continente, possa livrá-lo em definitivo da tirania e fazê-lo assumir seu verdadeiro destino.

Este, Sr. Presidente, Sras. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados, foi José Martí. Em seu perfil, reuniu tudo aquilo que o pensamento de esquerda tem de mais nobre, de mais idealista, de mais libertador. Ao lado de outros personagens-chave das revoluções de independência no novo mundo, tais como San Martin, Simon Bolívar e José Bonifácio, o mais influente intelectual da independência do Brasil, José Martí, “pai da pátria cubana”, ofereceu rica e original contribuição para o pensamento latino-americano.

Os discursos dos libertadores alimentaram o surgimento dos Estados nacionais e persistem, ainda hoje, como referências para o processo de integração continental. Os novos ventos que hoje sopram na América Latina, com a eleição de governos democráticos e comprometidos com a causa do povo, como Hugo Chávez, na Venezuela, Fernando Lugo, no Paraguai, Tabaré Vasquez, no Uruguai, Evo Morales, na Bolívia, Michele Bachelet, no Chile, Rafael Correa, no Equador, Daniel Ortega, na Nicarágua, Raul Castro, em Cuba, e o Presidente Lula, no Brasil, são frutos dos ideais defendidos com tanto vigor e obstinação por José Martí.

Sr. Presidente, Sras. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados, a ele, portanto, as nossas comovidas homenagens.

Sr. Presidente, quero distinguir, uma vez mais, nesta solenidade, a atitude da nossa Deputada, dirigente do Grupo Parlamentar de Amizade Brasil-Cuba, Vanessa Grazziotin. Esta homenagem vem sendo acompanhada pelo povo brasileiro, sintonizado no Congresso Nacional, dirigido por V.Exa., Senador Garibaldi

Alves Filho, que dá o destaque devido à homenagem justa a esse grande revolucionário do povo cubano e das Américas e ao mesmo tempo ressalta a sua vitória. José Martí tombou numa escaramuça dos espanhóis, mas os seus ideais foram vitoriosos.

Sr. Presidente, era o que tinha a dizer.

Muito obrigado. Viva José Martí e o povo cubano! (*Palmas.*)

Durante o discurso do Sr. Inácio Arruda, a Sra. Vanessa Grazziotin, deixa a cadeira da presidência, que é ocupado pelo Sr. Garibaldi Alves Filho, Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho) –

É motivo de satisfação e honra para nós registrar a presença no nosso plenário do Ministro dos Esportes, Orlando Silva (*palmas*), que vem acompanhado de grandes ídolos do nosso esporte, como Fernanda Porto Venturini, do voleibol (*palmas*); Bernardo Rajzman, do voleibol (*palmas*), e Marcelo Ferreira, do iatismo (*palmas*).

Eles estão empenhados numa causa nobre, a de trazer os jogos olímpicos de 2016 para a cidade do Rio de Janeiro. (*Palmas.*) E nós também estamos empenhados nisso, claro.

O Ministro nos disse que tem compromisso agendado no Ministério e não poderá nos dar a satisfação de sentar-se à nossa Mesa Diretora. Fica feito o registro, ressaltando novamente a alegria que S.Exa. nos dá pela presença.

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho) – Concedo a palavra ao nobre Deputado Adão Pretto. (*Palmas.*)

O SR. ADÃO PRETTO (PT-RS. Sem revisão do orador.) – Cumprimento o Sr. Presidente do Congresso Nacional, o ilustre Presidente da Assembléia Nacional do Poder Popular de Cuba, o ilustre Embaixador cubano e os demais membros da Mesa. Colega Vanessa Grazziotin, Presidenta desse congraçamento entre Brasil e Cuba, que promove esta sessão solene, parabenizo V.Exa. em nome dos Deputados e Deputadas, dos Senadores e Senadoras e demais autoridades que nos honram com a presença.

Sr. Presidente, digo que José Martí, junto com o povo cubano como Fidel Castro, Che Guevara e tantos outros, construiu na prática o sonho de muitos brasileiros de ter uma sociedade mais livre, uma sociedade socialista, em que as pessoas sejam tratadas como gente e não como objeto.

Os cubanos, esses valorosos heróis não só para a Ilha de Cuba, mas para a América Latina e para o mundo, são exemplo de como se constrói uma sociedade mais feliz. Alguns brasileiros declararam que a dita-

dura mais extensiva da história do mundo é a cubana. Nós, que estivemos lá mais de uma vez, diríamos: que ditadura maravilhosa, que beleza se o mundo vivesse como vive Cuba. (*Palmas.*)

É uma ditadura onde não há miseráveis; uma ditadura onde não há criança de pé descalço; uma ditadura onde não há ninguém passando fome; uma ditadura que inveja os países ricos, em que a pobreza envergonha os habitantes de muitos países que se dizem ricos.

Cuba é um país que caberia 73 vezes dentro do Brasil. Por outro lado, seu povo produz muita riqueza. O Brasil, país enorme e rico, ainda detém muita miséria.

Vivemos hoje num sistema democrático, mas tivemos bem recentemente uma ditadura militar. Infelizmente, ainda há resquício dessa ditadura no Brasil, o que impede muitos avanços da sociedade brasileira.

Quando triunfou a revolução em Cuba, seu primeiro passo foi fazer a reforma agrária. Estivemos em Cuba como representante dos agricultores familiares, dos agricultores sem terra do Brasil, visitamos o interior de Cuba e vimos como aquele povo trabalha, como é fácil construir uma sociedade mais livre e com mais fartura quando se dá ao povo o direito de fazer o seu trabalho coletivamente, como é feito nas cooperativas de agricultores daquele país.

Quero dizer, Sr. Presidente, prezados Deputados e Senadores, que aqui no Brasil, além de não acontecer a reforma agrária, forças reacionárias, como é o caso do Ministério Público, estão querendo acabar com a luta pela terra, incriminando os participantes do movimento dos sem-terra como guerrilheiros – e em seu documento o Ministério Público diz que eles têm que ser tratados como tal. Chegam a dizer que nas escolas do movimento dos sem-terra se ensina a ideologia de Esquerda, como se no Brasil fosse crime pertencer à Esquerda.

Sr. Presidente e prezado Presidente da Assembléia Nacional de Cuba, no Brasil temos uma luta para transformar a sociedade conservadora numa sociedade mais justa e mais fraterna. Contudo, ainda há muita resistência porque elegemos o Presidente da República, mas o poder ainda continua na mão dos conservadores.

Em Cuba, por exemplo, quando a gente chega em Havana, em qualquer cidade, você não vê propaganda da Coca-Cola nem das multinacionais, mas vê cartazes com José Martí, cartazes dizendo *Fora Imperialismo!*, cartazes elogiando a medicina cubana, a melhor do mundo. Vê-se também a fraternidade daquele povo acolhedor e filhos de representantes de partidos que criticam o sistema cubano estudando gratuitamente.

Tenho muito orgulho de dizer, Sr. Presidente, que meu neto mais velho está estudando Medicina gratuitamente em Cuba. (*Palmas.*)

Sr. Presidente, para finalizar, quero que a representação cubana deixe aqui, no Parlamento brasileiro, um pouco do vírus socialista cubano.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho) – Concedo a palavra ao Senador Eduardo Suplicy, último orador inscrito.

O SR. EDUARDO SUPILCY (PT-SP. Sem revisão do orador.) – Exmo. Sr. Presidente, Senador Garibaldi Alves Filho; caro Presidente da Assembléia Nacional de Cuba, Ricardo Alarcón de Quesada; prezado Embaixador de Cuba, Pedro Mosquera; caro Deputado José Luis Fernández Yero, Presidente do Grupo Parlamentar Cuba-Brasil; Deputada Vanessa Graziotin, Presidenta do Grupo Parlamentar de Amizade Brasil-Cuba, a quem cumprimento pelo empenho em promover esta homenagem a José Martí; prezado Deputado Jackson Barreto, queridos Senadores e Senadoras, Deputados e Deputadas e amigos fraternos de Cuba e do Brasil, membros do Corpo Diplomático, quero também, ao prestar esta homenagem, dizer o quanto José Martí inspirou não só os povos da América Latina, mas também os do Terceiro Mundo, visando concretizar a liberdade – liberdade associada à realização de justiça – para todos eles.

É importantíssimo, pois, que seus poemas sejam sempre lembrados e suas palavras sirvam de fonte de inspiração para nós.

Eu gostaria, prezado Senador Garibaldi Alves Filho, de tratar de assunto sobre o qual conversei brevemente com o Presidente Ricardo Alarcón de Quesada. Por vezes, tenho dito ao Embaixador Pedro Mosquera o quanto nós, brasileiros, queremos que termine o bloqueio imposto para dificultar que Cuba alcançasse o seu pleno desenvolvimento. E creio seja importante a palavra dada, em agosto do ano passado, pelo Senador Barack Obama, agora virtualmente consagrado candidato democrata a Presidente Estados Unidos da América. De maneira um pouco diferente do seu opositor, o republicano John McCain, ele expressou que, se eleito, contribuirá para que sejam normalizadas as relações entre os Estados Unidos da América e Cuba.

Com respeito a isso, eu gostaria de transmitir ao povo norte-americano, aos seus representantes e ao seu Governo que nós, no Senado Federal brasileiro – e tenho a convicção de que expresso o sentimento de praticamente todos os partidos, tanto os que apóiam o Governo do Presidente Lula quanto os que lhe fazem oposição —, queremos muito que, o quanto antes, possam os norte-americanos visitar Cuba e possam

os cubanos, com liberdade, visitar os Estados Unidos da América.

Queremos também que haja liberdade de comércio. Que possam os americanos, como os canadenses já fazem, realizar investimentos para o desenvolvimento da indústria, da agricultura, do setor de serviços e do próprio setor turístico cubano.

Tive a oportunidade de visitar Cuba e pude observar que suas belezas naturais são muito apreciadas por povos de todo o mundo. Há ali enorme potencial. E o bom senso indica que o melhor para a integração de todos nós nas Américas é que termine logo esse bloqueio.

Desejo também, nesta oportunidade, transmitir algo que constitui uma aspiração comum de todos nós, membros dos 3 continentes da América. O Governo dos Estados Unidos tem dito que gostaria de um dia ver a integração das 3 Américas, do Alasca à Patagônia. Mas que essa integração não seja simplesmente do ponto de vista da liberdade de o capital se movimentar por toda a parte, de os bens e serviços poderem ser vendidos livremente através das fronteiras, mas, sobretudo, que haja liberdade para os seres humanos. Que não haja qualquer tipo de muro entre os Estados Unidos da América, o México e o restante da América Latina. Com efeito, Sr. Presidente, o fim do bloqueio dos Estados Unidos a Cuba também deve estar relacionado com a eliminação do muro que se ergueu de maneira que até contraria o bom senso.

Quando Thomas Paine escreveu *Senso Comum*, publicado em janeiro de 1776, levou os norte-americanos a proclamarem a sua independência, em 4 de julho daquele ano, dizendo coisas como: “*Contraria o bom senso que uma ilha domine um continente*”. Estivesse Thomas Paine vivo hoje, ele também estaria dizendo, acredito, como José Martí, que contraria o bom senso que um país que, no final do século XIX, recebeu como prêmio, do Governo francês, a Estátua da Liberdade justamente para simbolizar que as pessoas poderiam ali ingressar para fazer a América; que um país que, em 1989, saudou a queda do muro de Berlim; que, ainda recentemente, recomendou ao Governo de Israel que não construísse um muro separando aquele país da Cisjordânia, mantenha o bloqueio contra Cuba e tenha erguido o muro que o separa da América Latina. (*Palmas.*)

Há poucos dias, estive no Timor Leste, convidado pelo seu Presidente, o Prêmio Nobel da Paz José Ramos-Horta, que me recebeu com muito carinho e calor humano, assim como vai receber o Presidente Lula no dia 12. Ele tanto agradeceu aos brasileiros que ali estão – juízes, defensores públicos, advogados, profissionais das mais diversas áreas – como pediu que

houvesse alguém com conhecimento dos programas de transferência de renda brasileiros. Disse inclusive que o Banco Mundial está pronto para patrocinar que isso ocorra. E eu já estou providenciando o atendimento desse desejo. Designei a Sra. Ana Fonseca, ex-Secretária-Executiva do Bolsa Família, para ir ao Timor Leste colaborar para que eles tenham a possibilidade de um dia implantarem a renda básica de cidadania.

Lá, ao falar sobre a colaboração de brasileiros, ouvi também falar da colaboração, de grande importância para o Timor Leste, de médicos cubanos. Cuba, que alcançou em relação aos serviços de saúde e de educação extraordinário avanço, sobretudo nos ensina com gestos de solidariedade a outros povos.

Então, quero consignar aqui minha admiração pelos ideais de José Martí e meus calorosos cumprimentos ao povo cubano e de seu Governo, inclusive por seus gestos de solidariedade com os demais povos.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho) – Antes de passar a palavra ao Presidente da Assembléia Nacional do Poder Popular de Cuba, Ricardo Alarcón de Quesada, quero dizer, a exemplo dos outros oradores, que o destino histórico partilhado pelas nações latino-americanas fez com que elas se lançassem contra o jugo colonial, buscando sua autonomia e sua liberdade.

José Martí desponta nesse quadro como um dos maiores heróis da libertação da América Latina. Conforme já foi dito pelos oradores que passaram pela tribuna, ele idealizou, organizou e ofereceu a sua vida à causa da independência de Cuba. Seu ideário libertador, progressista e humanista, confirmado pelo empenho e fulgor de sua palavra poética, continua servindo de exemplo e de inspiração para todas as nações.

A nação cubana, criada e desenvolvida com admirável bravura, vive momento especial, em que os seus elos efetivos e afetivos com os demais países latino-americanos podem ser reforçados e ampliados.

Quero dizer ainda que Cuba, com seu grande desenvolvimento, como foi aqui ressaltado, no setor educacional e em certas áreas do conhecimento, como a saúde, vem colaborando com o atendimento das demandas sociais em nosso País. Isso ocorre tanto do ponto de vista teórico como do ponto de vista prático, pelo envio de profissionais competentes e dedicados aos mais diversos rincões.

O Brasil pode, por sua vez, contribuir de modo significativo em áreas importantes para Cuba por meio de cooperação técnica ou de investimentos em infraestrutura.

Sr. Presidente da Assembléia Nacional de Cuba, Ricardo Alarcón de Quesada, essa proximidade entre

as 2 nações já era vista, naquele tempo, por Martí. De fato, as nações irmãs do continente latino-americano deveriam formar a Nuestra América, na expressão do herói cubano. Nuestra América: eis aí o desafio desse apóstolo da liberdade, desafio que permanece, e, porque é permanente, cabe a nós enfrentá-lo gerações afora. É um desafio do futuro que queremos.

O SR. PRESIDENTE (Garibaldi Alves Filho) – Concedo a palavra ao Presidente da Assembléia Nacional Popular de Cuba, Ricardo Alarcón de Quesada. (*Palmas.*)

O SR. RICARDO ALARCÓN DE QUESADA – Sr. Presidente, Sras. e Srs. Senadores, Sras. e Srs. Deputados, em primeiro lugar, quero expressar agradecimentos ao Senado Federal, à Câmara dos Deputados e às autoridades brasileiras pela hospitalidade, pela forma como nos receberam durante esses dias.

Devo também cumprir o dever de expressar os sentimentos de dor da delegação cubana ao saber que dias antes de nossa chegada ao Brasil faleceu Ruth Leite Cardoso, mulher que teve grande significado para a mulher brasileira e latino-americana. Mulher, cidadã, pesquisadora e antropóloga, Ruth Cardoso será sempre um exemplo a ser seguido por todos. (*Palmas.*)

Assim, neste momento, estendo nossos sentimentos de solidariedade ao Presidente Fernando Henrique Cardoso e a todos os seus familiares.

Agradeço especialmente aos amigos Senadores e Deputados por esta reunião em que exaltamos a memória de José Martí, de tal modo que há pouco a acrescentar ao que S.Exas. disseram.

Entretanto, permito-me destacar apenas algumas características.

Falou-se da obra monumental de Martí como poeta e jornalista, do seu profícuo trabalho como orador, além das traduções que fez de escritores franceses, ingleses e norte-americanos, entre outras coisas, porque esse era o seu meio de vida no exílio. Possivelmente, nenhum autor cubano produziu obra tão volumosa quanto José Martí. Além do mais, foi um revolucionário também na literatura, tendo ficado conhecido como um dos principais poetas do modernismo latino-americano.

Toda sua obra foi realizada numa vida muito curta e de muito sofrimento. José Martí morreu aos 42 anos de idade, tendo conhecido a prisão política ainda quando adolescente, nos primeiros anos de estudo em Havana. Então, os coronelistas o mandaram para a prisão por conta de seus sentimentos patrióticos. E na prisão sofreu maus-tratos físicos, torturas, que deixaram marcas que o acompanharam pelo resto da vida.

Esse homem escrevia poema e fazia verdadeiras pregações de como organizar um partido e uma

guerra, mas em meio a fortíssimas dores físicas que, como acabei de dizer, o acompanharam toda a sua vida por conta dos ferros aos quais ainda menino estava preso.

É difícil encontrar alguém que possa resumir de melhor forma as virtudes, as qualidades de José Martí, que para os cubanos representa nossa identidade, nosso patriotismo.

Na mensagem enviada, Tiago disse que freqüentemente conversa com Martí. A última vez acho que foi ontem ou hoje. E isso realmente precisa ser feito. Devemos procurar os povos da América Latina, conversar com mais freqüência com José Martí, por uma razão fundamental: seu pensamento e seu exemplo mantêm absoluta atualidade.

O mais impressionante da obra de Martí é exatamente isto: as propostas que hoje estamos acostumados a fazer a políticos latino-americanos de todas as tendências nós as encontramos ditas por ele há um século.

José Martí foi o primeiro que recomendou aos latino-americanos não caírem na tentação de um suposto mercado com o grande vizinho do norte; foi o primeiro que criticou o chamado livre comércio e o primeiro que recomendou aos latino-americanos que fizessem a sua união, a sua integração. Tudo isso foi aconselhado pelo homem que representava a única nação da América Latina, juntamente com Porto Rico, que ainda não tinha alcançado sua independência. E o fez como representante de alguns países da América do Sul na Conferência Monetária Internacional.

Se V.Exas. lerem os textos e os artigos do Martí sobre os problemas de então, verão que não se falava tanto numa aliança de livre comércio, mas numa união monetária. Hoje, quando alguns países da América Latina – e já vimos o exemplo do Brasil e da Argentina, que tentam recuperar e afirmar sua independência monetária – perderam inclusive sua identidade monetária, podemos lembrar, com muita propriedade, que há um século José Martí disse que esse seria o obstáculo principal para o desenvolvimento e a independência das nações latino-americanas.

Várias citações foram feitas da obra e do pensamento martiano. Tenho o meu pensamento preferido: aquele que ele formulou quando ia abandonar a cidade de Nova York, onde viveu por mais de 14 anos, e voltar para Cuba a fim de participar da Guerra da Independência. Então, ele escreveu uma carta a um de seus amigos e colaboradores mais próximos, alguém que nascera numa família africana de escravos, contudo nascera livre. A esse homem, José Martí, em sua última mensagem, quando trata de anunciar o que faria no passo definitivo que o conduziria à morte, poucas

semanas depois, resumiu seu objetivo na vida em uma frase: “*Conquistaremos toda a justiça*”.

É difícil encontrar definição mais resumida do que era seu programa político. Não se tratava apenas de conquistar a independência em relação à Espanha; não se tratava apenas de alcançar uma república independente mais ou menos justa e solidária, e, sim, de conquistar a justiça completa e não uma parte dela. Não uma fração, senão toda a justiça.

Nessa frase pode ser resumido o programa radical, revolucionário que o povo cubano, desde aquele tempo, se empenha em continuar.

Agradeço muitíssimo a hospitalidade brasileira, porque nossa presença aqui felizmente coincide com o momento em que as relações entre Brasil e Cuba estão em nível ótimo, as melhores que conseguimos ao longo de vários anos entre ambos os países.

Finalmente, sendo fiel a José Martí, que nos dizia que o homem devia cumprir sempre seu dever e que devia fazê-lo com simplicidade, sem vacilar, eu tenho o dever de também prestar homenagem a 5 martianos exemplares, a 5 compatriotas meus que, nos últimos 10 anos, não puderam estar presentes em nenhum dos atos realizados em Cuba para comemorar o aniversário de José Martí, porque, de forma martiana, foram aos Estados Unidos, sem armas, sem praticar violência, sem causar dano a ninguém, para tentar ajudar seu povo a combater o terrorismo que os Estados Unidos praticavam e praticam até hoje contra Cuba.

Não vou abordar todo o conteúdo desse caso. V.Exas. já devem ter ouvido falar nos 5 companheiros injustamente presos nos Estados Unidos – e bem injustamente.

Acaba de ser divulgada, há apenas algumas semanas, a decisão do painel de apelação da Corte de Atlanta, e ali estava escrito, pelos 3 juízes que a compõem, que não houve nenhum dano à segurança dos Estados Unidos pela ação dos nossos compatriotas. V.Exas. não têm que acreditar em mim, mas tão-somente ler o que diz o documento subscrito pelos 3 juízes. Além disso, nenhum deles havia procurado ou tentado obter nenhuma informação secreta relacionada com a segurança nacional dos Estados Unidos, ou seja, nenhum deles tentou sequer praticar o que se chama espionagem. Isso foi reconhecido unanimemente por 3 juízes, 10 anos depois de o meu pequeno país ter passado o tempo todo insistindo nisso.

Quantas vezes tivemos de dizê-lo? Em quantas portas tivemos de bater? Dez anos depois, ironicamente, um tribunal disse o que já haviam dito o Pentágono e o Departamento da Justiça: aqui não há nada que possa afetar a segurança nacional dos Estados Unidos.

No entanto, nossos compatriotas foram condenados à prisão perpétua.

Não vou abusar do tempo de V.Exas. Convido-os para depois lerem as informações mais recentes. Nos últimos anos, quantas pessoas foram acusadas e consideradas culpadas, nos Estados Unidos, não de conspirar para buscar informações secretas, não de tentar fazê-lo, mas, sim, de tê-lo feito efetivamente? Muitas pessoas foram consideradas culpadas porque se apropriaram de documentos secretos, mas a pena a elas aplicadas não passou de 10 anos de prisão. Os exemplos estão aí. Podem ser encontradas sem nenhuma dificuldade.

Um caso sobre o qual certamente V.Exas. leram muito na imprensa brasileira é o de um jovem que foi acusado – nada mais, nada menos – de pertencer à rede Al-Qaeda, a esse grupo que aparece constantemente na imprensa norte-americana como terrorista, que dizem ter sido responsável pela destruição das Torres Gêmeas. Considerado membro desse grupo, esse jovem foi julgado no mesmo tribunal da cidade de Miami que condenou os meus compatriotas a 4 cadeias perpétuas, a 75 anos de prisão, sem eles terem feito nada, sem eles terem colocado em risco a segurança dos Estados Unidos, sem terem causado dano a ninguém, como reconheceram agora os juízes da Corte de Atlanta. Pois bem. O acusado de pertencer à quadrilha de Osama Bin Laden foi condenado a 17 anos de prisão. O mesmo Tribunal que impõe a um cubano as piores condenações é capaz de, generosamente, aplicar uma sanção muito menor a alguém que dizem ser nada mais, nada menos do que um terrorista do grupo que os Estados Unidos consideram seu pior inimigo atualmente.

Qualquer análise desse caso leva-nos a entender que se trata de uma tremenda injustiça. E tremenda injustiça que se fundamenta na vontade escandalosa de proteger grupos terroristas, de proteger e promover o terrorismo, ao mesmo tempo em que dizem que estão liderando uma guerra contra o terrorismo.

Essa é a realidade que o meu pequeno país neste momento precisa enfrentar.

Mas somos otimistas. Há 2 dias, para dar a V.Exas. um exemplo, o Chanceler do Reino da Bélgica publicamente se pronunciou em favor dos nossos 5 companheiros com palavras muito claras. Disse, inclusive, que a Bélgica está tentando sensibilizar os outros países da União Européia para que entendam esse caso e para que cada vez que se encontrem bilateralmente com o Governo dos Estados Unidos exponham não apenas a injustiça cometida, mas também a sistemática violação dos direitos humanos desses prisioneiros e de seus familiares. Duas mulheres têm sido impedidas de visitar seus respectivo maridos durante 10 anos, e os demais familiares – mães, irmãs e outros parentes – precisam esperar longos meses até conseguir permissão para fazê-lo, para visitar pessoas que receberam

sanções mais severas do que outras pessoas que foram consideradas culpadas de delitos muito mais sérios nos Estados Unidos.

Tenho certeza de que José Martí, se estivesse presente nesta sala, teria reclamado a libertação desses 5 companheiros. Sei que aqui, mais uma vez, houve manifestações de solidariedade a eles – e aproveito a oportunidade para a V.Exas.

Eu tinha o dever martiano de, ao ocupar esta tribuna tão digna e que tanto me honra, uma vez mais concitar nossos irmãos e irmãs brasileiros, concitar os Parlamentares deste continente, enfim, concitar o mundo inteiro no sentido de que sejam renovados os esforços para que se faça justiça nesse caso. E a única forma de fazer justiça é pôr em liberdade as 5 pessoas que nunca deveriam ter estado na prisão, que deveriam, sim, ter sido alvo de homenagens e de reconhecimento por seu heroísmo, jamais dos terríveis castigos que lhes foram impostos.

Agradeço a todos, uma vez mais, a atenção; agradeço, uma vez mais, a hospitalidade e a solidariedade que sempre sentimos, a amizade que sempre recebemos de todos os brasileiros e brasileiras de todos os partidos, bem como de todos os Parlamentares.

Muito obrigado. (*Palmas.*)

Durante o discurso do Sr. Ricardo Alarcón de Quesada, o Sr. Garibaldi Alves Filho, Presidente, deixa a cadeira da presidência, que é ocupada pelo Sr. Inácio Arruda.

O SR. PRESIDENTE (Inácio Arruda) – Presidente Alarcón, o povo cubano conta com o apoio dos Senadores e Senadoras, Deputados e Deputadas brasileiros para mais essa luta pela causa da liberdade.

A homenagem a José Martí se une à causa e à luta do povo cubano para libertar os seus compatriotas presos nos Estados Unidos sem uma justificativa sequer.

O SR. PRESIDENTE (Inácio Arruda) – Agradecemos a todos a presença, em especial ao Embaixador de Cuba no Brasil, Pedro Mosquera, e do Deputado Ricardo Alarcón, Presidente da Assembléia Nacional do Poder Popular de Cuba.

Agradecemos uma vez mais aos autores do requerimento que permitiu ao Congresso Nacional prestar essa homenagem a José Martí, homenagem extensiva a todo o povo cubano e a todos os que lutam pela liberdade, pela democracia e pelo desenvolvimento das nações latino-americanas e do mundo inteiro.

Agradecemos igualmente às autoridades civis e militares a presença nesta sessão solene.

O SR. PRESIDENTE (Inácio Arruda) – Está encerrada a sessão.

(Encerra-se a sessão às 12 horas e 45 minutos.)

CONSELHO DA ORDEM DO CONGRESSO NACIONAL

(Criado pelo Decreto Legislativo nº 70, de 23.11.1972)
(Regimento Interno baixado pelo Ato nº 1, de 1973-CN)

COMPOSIÇÃO

Grão-Mestre: Presidente do Senado Federal

Chanceler: Presidente da Câmara dos Deputados

MESA DA CÂMARA DOS DEPUTADOS	MESA DO SENADO FEDERAL
PRESIDENTE Deputado Arlindo Chinaglia (PT-SP)	PRESIDENTE Senador Garibaldi Alves Filho (PMDB-RN)
1º VICE-PRESIDENTE Deputado Narcio Rodrigues (PSDB-MG)	1º VICE-PRESIDENTE Senador Tião Viana (PT-AC)
2º VICE-PRESIDENTE Deputado Inocêncio Oliveira (PR-PE)	2º VICE-PRESIDENTE Senador Alvaro Dias (PSDB-PR)
1º SECRETÁRIO Deputado Osmar Serraglio (PMDB-PR)	1º SECRETÁRIO Senador Efraim Morais (DEM-PB)
2º SECRETÁRIO Deputado Ciro Nogueira (PP-PI)	2º SECRETÁRIO Senador Gerson Camata (PMDB-ES)
3º SECRETÁRIO Deputado Waldemir Moka (PMDB-MS)	3º SECRETÁRIO Senador César Borges (PR-BA)
4º SECRETÁRIO Deputado José Carlos Machado (DEM-SE)	4º SECRETÁRIO Senador Magno Malta (PR-ES)
LÍDER DA MAIORIA Deputado Henrique Eduardo Alves (PMDB-RN)	LÍDER DA MAIORIA Senador Valdir Raupp (PMDB-RO)
LÍDER DA MINORIA Deputado Zenaldo Coutinho (PSDB-PA)	LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA Senador Mário Couto (PSDB-PA)
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO E JUSTIÇA E DE CIDADANIA Deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ)	PRESIDENTE DA COMISSÃO DE CONSTITUIÇÃO, JUSTIÇA E CIDADANIA Senador Marco Maciel (DEM-PE)
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DE DEFESA NACIONAL Deputado Marcondes Gadelha (PSB-PB)	PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES EXTERIORES E DEFESA NACIONAL Senador Heráclito Fortes (DEM-PI)

(Atualizada em 02.06.2008)

SECRETARIA-GERAL DA MESA

Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)

Senado Federal – Anexo II - Térreo

Telefones: 3311-4561 e 3311-5258

scop@senado.gov.br

**CONGRESSO NACIONAL
CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

(13 titulares e 13 suplentes)

(Criado pela Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)

(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1, de 2004)

Presidente:

Vice-Presidente:

LEI Nº 8.389/91, ART. 4º	TITULARES	SUPLENTES
Representante das empresas de rádio (inciso I)		
Representante das empresas de televisão (inciso II)		
Representante de empresas da imprensa escrita (inciso III)		
Engenheiro com notório conhecimento na área de comunicação social (inciso IV)		
Representante da categoria profissional dos jornalistas (inciso V)		
Representante da categoria profissional dos radialistas (inciso VI)		
Representante da categoria profissional dos artistas (inciso VII)		
Representante das categorias profissionais de cinema e vídeo (inciso VIII)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		
Representante da sociedade civil (inciso IX)		

1ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 5.6.2002

2ª Eleição Geral: Sessão do Congresso Nacional de 22.12.2004

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Senado Federal – Anexo II - Térreo
Telefones: (61) 3311-4561 e 3311-5258
scop@senado.gov.br - www.senado.gov.br/ccs

CONGRESSO NACIONAL

CONSELHO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL

(Criado pela Lei nº 8.389, de 30 de dezembro de 1991)

(Regimento Interno aprovado nos termos do Ato da Mesa nº 1, de 2004)

COMISSÕES DE TRABALHO

01 – COMISSÃO DE REGIONALIZAÇÃO E QUALIDADE DA PROGRAMAÇÃO E DE RADIODIFUSÃO COMUNITÁRIA²

02 – COMISSÃO DE TECNOLOGIA DIGITAL

03 – COMISSÃO DE TV POR ASSINATURA

04 – COMISSÃO DE MARCO REGULATÓRIO

05 – COMISSÃO DE LIBERDADE DE EXPRESSÃO

SECRETARIA-GERAL DA MESA DO SENADO FEDERAL

Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)

Senado Federal – Anexo II - Térreo

Telefones: (61) 3311-4561 e 3311-5258

scop@senao.gov.br

www.senado.gov.br/ccai

² Constituída na 11ª Reunião do CCS, de 5.12.2005, como união da Comissão de Regionalização e Qualidade da Programação com a Comissão de Radiodifusão Comunitária. Todos os membros de cada uma das duas comissões originais foram considerados membros da nova comissão. Aguardando escolha do coordenador (art. 31, § 5º, do Regimento Interno do CCS).

REPRESENTAÇÃO BRASILEIRA NO PARLAMENTO DO MERCOSUL
COMPOSIÇÃO

18 Titulares (9 Senadores e 9 Deputados) e 18 Suplentes (9 Senadores e 9 Deputados)

Designação: 27/04/2007

Presidente: Aloizio Mercadante (PT/SP)

Vice-Presidente: Deputado George Hilton² (PP-MG)

Vice-Presidente: Deputado Claudio Diaz² (PSDB – RS)

SENADORES

TITULARES	SUPLENTES
Maioria (PMDB)	
PEDRO SIMON (PMDB/RS)	1. NEUTO DE CONTO (PMDB/SC)
GERALDO MESQUITA JÚNIOR (PMDB/AC)	2. VALDIR RAUPP (PMDB/RO)
DEM	
EFRAIM MORAIS (DEM/PB)	1. ADELMIR SANTANA (DEM/DF)
ROMEU TUMA (DEM/SP)	2. RAIMUNDO COLOMBO (DEM/SC)
PSDB	
MARISA SERRANO (PSDB/MS)	1. EDUARDO AZEREDO (PSDB/MG)
PT	
ALOIZIO MERCADANTE (PT/SP)	1. FLÁVIO ARNS (PT/PR)
PTB	
SÉRGIO ZAMBIAZI (PTB/RS)	1. FERNANDO COLLOR (PTB/AL)
PDT	
CRISTOVAM BUARQUE (PDT/DF)	1. JEFFERSON PRAIA ⁵ (PDT/AM)
PCdoB	
INÁCIO ARRUDA (PCdoB/CE)	1.

DEPUTADOS

TITULARES	SUPLENTES
PMDB/PT/PP/PR/PTB/PSC/PTC/PTdoB	
CEZAR SCHIRMER (PMDB/RS)	1. ÍRIS DE ARAÚJO (PMDB/GO)
DR. ROSINHA (PT/PR)	2. NILSON MOURÃO (PT/AC)
GEORGE HILTON (PP/MG)	3. RENATO MOLLING (PP/RS)
MAX ROSENmann (PMDB/PR)	4. VALDIR COLATTO (PMDB/SC)
PSDB/DEM/PPS	
CLAUDIO DIAZ (PSDB/RS)	1. ILDERLEI CORDEIRO ⁴ (PPS/AC)
GERALDO RESENDE (PPS/MS)	2. ANTONIO CARLOS PANNUNZIO ³ (PSDB/SP)
GERMANO BONOW (DEM/RS)	3. CELSO RUSSOMANNO ¹ (PP/SP)
PSB/PDT/PCdoB/PMN/PAN	
BETO ALBUQUERQUE (PSB/RS)	1. VIEIRA DA CUNHA (PDT/RS)
PV	
JOSÉ PAULO TÓFFANO (PV/SP)	1. DR. NECHAR (PV/SP)

(Atualizada em 05.06.2008)

Secretaria: Câmara dos Deputados - Anexo II - Sala T/28 – 70160-900 Brasília – DF / Brasil

Fones: (55) 61 3216-6871 / 6878 Fax: (55) 61 3216-6880

e-mail: cpcm@camara.gov.br

www.camara.gov.br/mercousul

CONGRESSO NACIONAL

¹ Indicado conforme Ofício nº 160-L-DEM/08, de 04.06.08, do Líder do DEM, Deputado Antonio Carlos Magalhães Neto, lido na Sessão do SF de 05.06.08.

² Eleito em 14.8.2007, para o biênio 2007/2008.

³ Indicado conforme Of. PSDB nº 856/2007, de 28.11.2007, do Líder do PSDB, Deputado Antonio Carlos Pannunzio, lido na Sessão do SF de 19.12.2007.

⁴ Indicado pela Liderança do PPS tendo em vista a renúncia do Deputado Fernando Coruja, nos termos do OF/LID/Nº 115/2008, de 16.04.2008, lido na Sessão do SF de 17.04.2008.

⁵ Indicado conforme Ofício nº 10/08-LPDT, de 04.06.08, do Líder do PDT, Senador Osmar Dias, lido na Sessão do SF de 04.06.08.

COMISSÃO MISTA DE CONTROLE DAS ATIVIDADES DE INTELIGÊNCIA
(Art. 6º da Lei nº 9.883, de 1999)

COMPOSIÇÃO

CÂMARA DOS DEPUTADOS

LÍDER DA MAIORIA

HENRIQUE EDUARDO ALVES
PMDB-RN

LÍDER DA MINORIA

ZENALDO COUTINHO
PSDB-PA

**PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES
EXTERIORES E DEFESA NACIONAL**

MARCONDES GADELHA
PSB-PB

SENADO FEDERAL

LÍDER DA MAIORIA

VALDIR RAUPP
PMDB-RO

LÍDER DO BLOCO PARLAMENTAR DA MINORIA

MÁRIO COUTO
PSDB-PA

**PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES
EXTERIORES E DEFESA NACIONAL**

HERÁCLITO FORTES
DEM-PI

(Atualizada em 02.06.2008)

SECRETARIA-GERAL DA MESA
Secretaria de Apoio a Conselhos e Órgãos do Parlamento (SCOP)
Senado Federal – Anexo II - Térreo
Telefones: 3311-4561 e 3311- 5258
scop@senado.gov.br
www.senado.gov.br/ccai



**PODER LEGISLATIVO
SENADO FEDERAL
SERVIÇO DE ADMINISTRAÇÃO ECONÔMICO-FINANCEIRA**

**DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL
PREÇO DE ASSINATURA**

SEMESTRAL

Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – s/o porte (cada)	R\$ 58,00
Porte do Correio	R\$ 488,40
Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – c/o porte (cada)	R\$ 546,40

ANUAL

Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – s/o porte (cada)	R\$ 116,00
Porte do Correio	R\$ 976,80
Diário do Senado Federal ou Diário da Câmara dos Deputados – c/o porte (cada)	R\$ 1.092,80

NÚMEROS AVULSOS

Valor do Número Avulso	R\$ 0,50
Porte Avulso	R\$ 3,70

ORDEM BANCÁRIA

UG – 020055	GESTÃO – 00001
--------------------	-----------------------

Os pedidos deverão ser acompanhados de **Nota de empenho, a favor do FUNSEEP ou fotocópia da Guia de Recolhimento da União-GRU**, que poderá ser retirada no SITE: <http://consulta.tesouro.fazenda.gov.br/gru/gru-simples.asp> **Código de Recolhimento apropriado e o número de referência: 20815-9 e 00002** e o código da Unidade Favorecida – UG/GESTÃO: **020055/00001** preenchida e quitada no valor correspondente à quantidade de assinaturas pretendidas e enviar a esta Secretaria.

OBS: NÃO SERÁ ACEITO CHEQUE VIA CARTA PARA EFETIVAR ASSINATURA DOS DCN'S.

Maiores informações pelo telefone (0XX-61) 3311-3803, FAX: 3311-1053, Serviço de Administração Econômica Financeira/Controle de Assinaturas, falar com, Mourão ou Solange.

Contato internet: 3311-4107

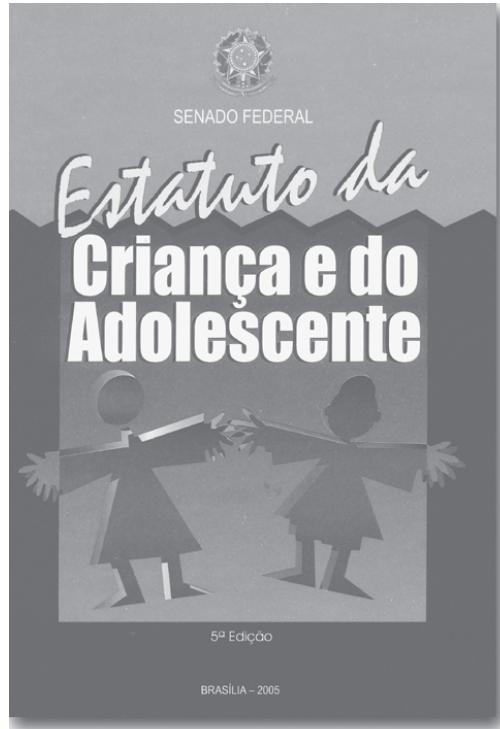
**SECRETARIA ESPECIAL DE EDITORAÇÃO E PUBLICAÇÕES
PRAÇA DOS TRÊS PODERES, AV. N/2, S/Nº – BRASÍLIA-DF
CNPJ: 00.530.279/0005-49 CEP 70 165-900**



SENADO FEDERAL
Secretaria Especial de Editoração e Publicações
Subsecretaria de Edições Técnicas

Estatuto da Criança e do Adolescente

Lei nº 8.069/90, de acordo com as alterações dadas pela Lei nº 8.241/91; legislação correlata e índice.



Conheça nosso catálogo na Internet

www.senado.gov.br/catalogo

Para adquirir essa ou outra publicação:

- 1) Confirme a disponibilidade de estoque utilizando os nossos telefones, *e-mail* ou por via postal.
- 2) Efetue depósito na conta única do tesouro (enfatizamos a importância do código identificador).

Banco: Banco do Brasil S/A (001)

Agência: 4201-3

A crédito de: Conta Única do Tesouro Nacional / FUNSEEP

Conta-corrente: 170.500-8

Código Identificador (imprescindível): 02.00.55.00.00.12.08.15-9

Observação: não é possível a utilização de DOC ou TED na transferência de valores para a Conta Única do Tesouro. É necessário que o depósito seja feito em uma agência do Banco do Brasil. Os correntistas do Banco do Brasil que utilizam o *internet banking* podem acessar o menu “Transferências”, escolher a opção “para Conta Única do Tesouro”, informando seu CPF/CNPJ, o valor da compra e, no campo “UG Gestão finalidade”, o código identificador acima citado.

- 3) Encaminhe-nos, por via postal, fax ou *e-mail* (digitalizado), o comprovante do depósito, a relação do que está sendo adquirido, nome e endereço completo para remessa e informe um telefone para contato.



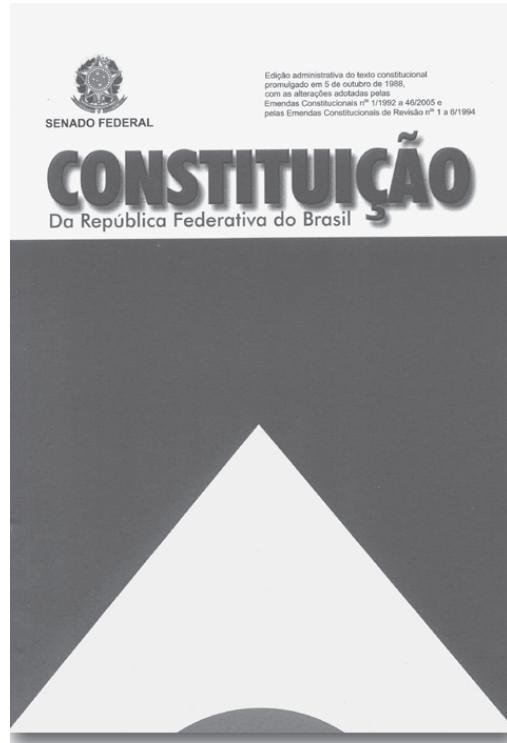
SENADO FEDERAL
Secretaria Especial de Edição e Publicações
Subsecretaria de Edições Técnicas

Constituição da República Federativa do Brasil (modelo livro)

Publicação com atualização permanente. Contém o texto constitucional de 5 de outubro de 1988, o texto integral das Emendas Constitucionais de Revisão, de nºs 1 a 6, e das demais emendas constitucionais e índice temático.

Conheça nosso catálogo na Internet

www.senado.gov.br/catalogo



Para adquirir essa ou outra publicação:

- 1) Confirme a disponibilidade de estoque utilizando os nossos telefones, *e-mail* ou por via postal.
- 2) Efetue depósito na conta única do tesouro (enfatizamos a importância do código identificador).

Banco: Banco do Brasil S/A (001)

Agência: 4201-3

A crédito de: Conta Única do Tesouro Nacional / FUNSEEP

Conta-corrente: 170.500-8

Código Identificador (imprescindível): 02.00.55.00.00.12.08.15-9

Observação: não é possível a utilização de DOC ou TED na transferência de valores para a Conta Única do Tesouro. É necessário que o depósito seja feito em uma agência do Banco do Brasil. Os correntistas do Banco do Brasil que utilizam o *internet banking* podem acessar o menu “Transferências”, escolher a opção “para Conta Única do Tesouro”, informando seu CPF/CNPJ, o valor da compra e, no campo “UG Gestão finalidade”, o código identificador acima citado.

- 3) Encaminhe-nos, por via postal, fax ou *e-mail* (digitalizado), o comprovante do depósito, a relação do que está sendo adquirido, nome e endereço completo para remessa e informe um telefone para contato.



SENADO FEDERAL
Secretaria Especial de Editoração e Publicações
Subsecretaria de Edições Técnicas

Legislações Brasileiras

Coletânea de publicações, com atualização periódica, sobre temas diversos da legislação brasileira.



Conheça nosso catálogo na Internet

www.senado.gov.br/catalogo

Para adquirir essa ou outra publicação:

- 1) Confirme a disponibilidade de estoque utilizando os nossos telefones, *e-mail* ou por via postal.
- 2) Efetue depósito na conta única do tesouro (enfatizamos a importância do código identificador).

Banco: Banco do Brasil S/A (001)

Agência: 4201-3

A crédito de: Conta Única do Tesouro Nacional / FUNSEEP

Conta-corrente: 170.500-8

Código Identificador (imprescindível): 02.00.55.00.00.12.08.15-9

Observação: não é possível a utilização de DOC ou TED na transferência de valores para a Conta Única do Tesouro. É necessário que o depósito seja feito em uma agência do Banco do Brasil. Os correntistas do Banco do Brasil que utilizam o *internet banking* podem acessar o menu “Transferências”, escolher a opção “para Conta Única do Tesouro”, informando seu CPF/CNPJ, o valor da compra e, no campo “UG Gestão finalidade”, o código identificador acima citado.

- 3) Encaminhe-nos, por via postal, fax ou *e-mail* (digitalizado), o comprovante do depósito, a relação do que está sendo adquirido, nome e endereço completo para remessa e informe um telefone para contato.



EDIÇÃO DE HOJE: 28 PÁGINAS